

OS TEMPOS DA CIDADE ENTRE A QUARESMA E O CARNAVAL: A MICARÊME DE LARANJEIRAS (SE) NA DÉCADA DE 1930.

HILDÊNIA SANTOS DE OLIVEIRA*

Resumo:

O trabalho a seguir é um estudo sobre a Micarême de Laranjeiras na década de 1930, período de surgimento da Festa na Cidade de Laranjeiras/SE. O enlace de adereços e imagéticas sobre o carnaval possui múltiplas representações sociais compreendidas como “uma forma de conhecimento elaborado e compartilhado, tendo uma perspectiva prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (MOSCOVICI, 1978). O surgimento da Micarême poderia ser entendido como o resultado da plasticidade das identidades culturais subjacentes no município? Um laboratório criativo de experiências culturais diversificadas, imigrantes e ao mesmo tempo condensando alguns elementos da tradição local? Qual a contribuição dos movimentos culturais pré-1930 para o desencadear dessa festa em Laranjeiras? E através desses questionamentos discutir, a partir da História Cultural, como a sociedade laranjeirense, durante a década de 1930, vivenciava a relação entre memória e tradição frente à dinamicidade da cultura e os processos de reinvenção da festa, através de pesquisas sobre a elaboração da Micarême a partir do surgimento dos blocos que compõem a festa; Estudar a relação entre futebol e carnaval na Micarême; Analisar a iconografia da festa a partir do contexto histórico da cidade de Laranjeiras ao longo da década de 1930; Identificar as relações de poder que se imiscuem na cultura da festa.

Palavras-chave: Micarême, Laranjeiras, festa, história e memória.

O carnaval precede a chegada da Quaresma, período no calendário da Igreja Católica consagrado à penitência e ao jejum. No passado, a Igreja recomendava aos católicos que ficassem toda a Quaresma sem comer carne. Hoje esta proibição restringe-se à sexta-feira Santa.

Hoje é quase consensual que a palavra Carnaval originou-se de *carne + vale* (do latim: *caro, carnis* = carne; *vale* = adeus), ou ainda da expressão *carne levare* ou *carnilevamen*. As duas expressões têm sentido quase idêntico: suspensão da carne, abstenção de carne (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2011).

Festa profana permeada pela animação e pelo ideário de pecado, perdoado no ciclo religioso, o carnaval é celebrado em praticamente todos os países do mundo, embora a sua origem seja incerta, pois:

Várias são as hipóteses que procuram elucidar o “mistério” de seu nascimento, porém, num ponto elas são unânimes: o da origem longínqua. Ele poderia estar relacionado com as práticas iniciais mágico-religiosas. Com o passar dos séculos essas práticas perderam sua função inicial e tornando-se meramente lúdicas (festejos e divertimento) (URBANO, 2006:21).

Segundo Clodomir Tavares (2011) no Brasil a realização das primeiras manifestações carnavalescas que se tem notícia, ocorre com o entrudo, um carnaval trazido de Portugal para a corte no Rio de Janeiro no século XIX. Assumindo uma posição divergente de Cláudia Lima (2011),

* Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestranda em História pelo PROHIS/UFS e Graduada em Museologia pela mesma universidade, sob orientação da Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello.

pesquisadora sobre o carnaval no Brasil, que remonta a proibição ao entrudo¹ compreendendo o período entre 31 de janeiro e 13 de fevereiro de 1608, já havendo, portanto, registro da festa ainda no século XVII.

Conforme LIMA afirma, não se tem uma precisão na transição do entrudo para o carnaval, mas, a inclusão das classes mais abastadas nos blocos de rua marcou o início dos carnavais, saindo assim, dos salões e ganhando espaços nas ruas, com os desfiles de fantasias e carros alegóricos, e a troca da farinha e de outras coisas que eram utilizadas no entrudo, como confete, serpentina e lança perfume².

O enlace de adereços e imagéticas sobre o carnaval possui múltiplas representações sociais compreendidas como “uma forma de conhecimento elaborado e compartilhado, tendo uma perspectiva prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (MOSCOVICI, 1978).

Ainda sobre o carnaval, vale ressaltar que a ocupação da rua e, sobretudo, a preparação do espaço da festa é fundamental, nele a arte e a dramaturgia dos adereços se inter cruzam, a estética da fantasia e da imaginação criativa atuam, assim, o antropólogo Roberto DaMatta afirma:

O carnaval requer – seja na rua, na viela, na praça ou na avenida; seja no clube, na escola ou em casa – um espaço próprio. [...] mesmo no clube, com o espaço fechado, é preciso “preparar” esse espaço. Assim, as paredes do clube são decoradas com motivos “afins” com o carnaval. Representa-se na praia dos mares do Sul, faz-se uma decoração que remete ao Rio antigo, transforma-se o clube numa galeria de arte, apresentando motivos que lembrem as pinturas de Picasso, ou, se transforma todo o teatro num Inferno de Dante (1997:111).

Em meio a todas as representações carnavalescas que acontecem no Brasil, em Sergipe, segundo Luiz Antônio Barreto (2011), a primeira forma de carnaval foi o entrudo, festejado na cidade de São Cristóvão, nas Vilas de Maruim e Laranjeiras. A festa carnavalesca acontecia, como acontece até hoje, nos três dias anteriores a quarta-feira de cinzas que marca o início da Quaresma.

Mário Cabral (2002:53) datou o carnaval aracajuano a partir de 1894 sob a iniciativa do tenente Henrique Silva, a serviço do Batalhão 33, responsável pela organização dos foliões que entoavam “Viva o Zé Pereira!” pelas ruas arenosas embalados por clarins e zabumbas.

O registro dos primeiros blocos carnavalescos em Sergipe como indica Luiz Antônio Barreto (2011) ocorreu com:

Os Mercurianos, trajando as cores azul e encarnado (vermelho) e os Cardovínicos, que vestiam as cores branco e vermelho. Já na primeira década do século XX apareceram Os Filhos de Baco e o Arranca, e também os Fenianos, que disputavam, como rivais, com os Mercurianos, nos últimos tempos deste bloco. Em 1940 apareceram Os Legionários de Sergipe, grêmio carnavalesco que ficou famoso em toda a década, dividindo a preferência com os Mercurianos, nos anos finais de existência deste grupo. Na mesma década de 1940 apareceram com seus carros alegóricos e suas fantasias, o bloco Gato na Tuba. Na década seguinte surgiu a escola de samba Império Serrano, que ensaiava nas imediações da velha Caixa d’Água. Em 1966 foi fundada a escola de samba Império do Morro, pelo babalaorixá Gilberto da Silva, o popular Lê, com sede na rua de Gararu, 419.

Pode-se considerar que essas manifestações carnavalescas primeiras em Aracaju influenciaram de algum modo, nos períodos iniciais, a Micarême em Laranjeiras, uma vez que a proximidade com a capital possibilitava a circulação entre esses espaços por habitantes influentes de Laranjeiras. Nesse

¹ O entrudo era o carnaval do mela-mela, ou lima-de-cheiro, onde se jogava farinha, ovos podres, fuligem e água suja, e era festejado praticamente pela camada mais pobre da população.

² Pois era permitido o seu uso

sentido, as rivalidades dos ranchos, as cores dos trajes e os carros alegóricos com inúmeras pessoas desfilando sobre estes revelam indícios desse intercâmbio de idéias.

A Micarême configura-se então como uma festa urbana que ocorre em Laranjeiras/SE desde 1934, realizada com recursos da comunidade local visando à diversão e à manutenção das tradições locais. Essa comemoração ocorre após o período da Quaresma, remontando às antigas celebrações medievais de algumas aldeias francesas. Durante os festejos, ranchos e carros alegóricos desfilam pelas ruas da cidade, acompanhados por bandas de frevo.

Dentro dessa manifestação cultural preservam-se as memórias coletivas que podem ser captadas, coletadas ou registradas através de entrevistas e dos monumentos (LE GOFF, 1994). Os registros da memória coletiva, tais como os monumentos, representam aquilo que foi selecionado por uma dada coletividade para ser perpetuado pela recordação para gerações vindouras.

Diante do que foi posto acima, pretende-se estudar nesse projeto: Como a cidade de Laranjeiras adotou essa modalidade de carnaval entre seus festejos tradicionalmente compostos por manifestações populares enraizadas como a Taieira, o Reisado, a Chegança, o São Gonçalo, o Cacumbi, o Lambe-sujo e Caboclinhos? O surgimento da Micarême poderia ser entendido como resultado da plasticidade das identidades culturais subjacentes no município? A Micarême seria um laboratório criativo de experiências culturais diversificadas, imigrantes e ao mesmo tempo condensando alguns elementos da tradição local?

E através desses questionamentos discuti, a partir da História Cultural, como a sociedade laranjeirense, durante a década de 1930, vivenciava a relação entre memória e tradição frente à dinamicidade da cultura e os processos de reinvenção da festa, através de pesquisas sobre a elaboração da Micarême a partir do surgimento dos blocos que compõem a festa; Estudar a relação entre futebol e carnaval na Micarême; Analisar a iconografia da festa a partir do contexto histórico da cidade de Laranjeiras ao longo da década de 1930; Identificar as relações de poder que se imiscuem na cultura da festa.

A historiografia dedicada aos estudos culturais contemporâneos vem abordando as festas e especificamente os carnavais na seara de ressignificação de tradições e memórias coletivas. Os estudos sobre a subjetividade ganham espaço no universo acadêmico, a exemplo de pesquisas voltadas para as sociabilidades das festas, representações sociais das manifestações culturais, dentre outras.

A historiografia dedicada aos estudos culturais contemporâneos vem abordando as festas e especificamente os carnavais na seara de ressignificação de tradições e memórias coletivas. Os estudos sobre a subjetividade ganham espaço no universo acadêmico, a exemplo de pesquisas voltadas para as sociabilidades das festas, representações sociais das manifestações culturais, dentre outras.

Em Sergipe, os trabalhos sobre o carnaval trataram de analisar os blocos carnavalescos da capital e de algumas cidades do interior ao final do século XIX e início do Século XX como informam os textos de Luiz Antônio Barreto (2006) sobre os carnavais em Aracaju e a organização dos desfiles de Corso.

Um estudo mais recente que trata sobre a Micarême em Sergipe é o Trabalho de Conclusão de Curso de Marilene das Graças Vasconcelos *'Carnavais fora de época em Itabaiana: da Micareme a Micarana (1950-2002)* abordando o carnaval de Itabaiana que se transformou em Micareta, como ocorreu em praticamente todo o Brasil, ressaltando a Micarême de Laranjeiras como a única que resistiu à passagem do tempo em Sergipe.

Aos seus 75 anos, a Micarême de Laranjeiras manteve-se viva em função da população laranjeirense, reinventado a tradição em suas apresentações, mantendo as características dos desfiles com um passo marcado, ao ritmo do frevo e das marchinhas, se ressignificando a cada ano, mas também conservando suas características principais dentro do processo da dinamicidade da cultura,

mas deixando de lado os tradicionais times de futebol laranjeirenses que originaram os ranchos da Micarême em Laranjeiras.

O presente trabalho escolheu como recorte temporal a década de 1930 por ter sido o marco cronológico determinante para o surgimento e consolidação da Micarême em Laranjeiras. Essa década determinou o formato da festa, as escolhas da sociedade e a influência das marchinhas de carnaval que durante os anos de 1930 tocavam nas rádios de todo o país nas vozes de Ary Barroso, Joubert de Carvalho, Carmem Miranda, Vicente Paiva entre outros. Nesse contexto:

a chegada de Vargas à presidência do país na década de 1930 influencia a cultura, sendo conduzida a forjar uma identidade nacional livre de influências estrangeiras e que tinha como centro de produção e radiação o Rio de Janeiro (MARQUES, 2006).

Tais fatos remontam também ao momento de encantamento vivido com o futebol profissional naquele contexto (NEGREIROS, 2003), uma vez que os ranchos da Micarême de Laranjeiras originaram-se dos times de futebol da cidade. E ainda sobre a questão do intercruzamento do futebol com o carnaval o livro de Heloisa Bruhns (2000) analisa de que modo esses elementos vêm se transformando ao longo da história, transitando entre as diversas classes e grupos sociais.

Dessa forma, o referido projeto buscará, nas diversas fontes encontradas em Sergipe (jornais, atas, fotografias, entrevistas entre outras), compreender como a sociedade laranjeirense assimilou o carnaval sob o formato da Micarême na década de 1930, traçando costumes, ritos, práticas, símbolos e representações até então pouco pesquisados no Estado.

A proposta pode soar ambiciosa, entretanto, a quantidade de fontes existentes, pesquisadas no tempo proposto no cronograma a seguir, aliadas ao levantamento já realizado ao longo de 12 meses inserido no contexto de produção de uma monografia para o curso de graduação em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) darão seguridade na elaboração deste trabalho.

Alguns estudos tratam de festas populares em Laranjeiras, porém, somente a monografia de graduação em Museologia, por mim defendida na UFS em 2011, tratou da Micarême na cidade com certa profundidade, porém com um olhar mais direcionado aos elementos museográficos.

Por fim, esta pesquisa ganha relevância por pretender desbravar um tema ainda pouco abordado na historiografia sobre o município de Laranjeiras, tendo como eixo de reflexão a linha de pesquisa “Cultura, Memória e Identidade”. Assim, o projeto aqui exposto cumpre o papel de uma pesquisa no seio da História Cultural, podendo servir como suporte para que outros pesquisadores adentrem neste vasto campo de estudo.

Partindo dessa premissa, historiadores, museólogos, geógrafos, antropólogos e cientistas sociais têm destinado esforços para o estudo do comportamento, das práticas, das representações sociais e dos ritos das sociedades imiscuídas no festejo carnavalesco.

Os trabalhos, publicados no Brasil, citados adiante, abordaram a preocupação com o carnaval em diversas partes do país, com visões distintas sobre a festa e as diferentes manifestações carnavalescas que se adequaram aos ritmos e costumes de cada localidade, adquirindo feições diversas Brasil a fora.

Logo, a publicação de artigos acadêmicos, livros, monografias, dissertações e teses enriqueceu esse campo amplo e pouco abordado. Dentre esses Débora Vogt (2009) que trabalha com o carnaval na cidade de Santa Cruz do Sul (RS) faz uma ponte entre o carnaval no perímetro rural e urbano; José Carlos Sabe (1986) em seu artigo *Carnaval, Carnavais* analisa os carnavais e as festas profanas antecessoras do carnaval; Benoit Goldin (2000) trabalha uma perspectiva mais próxima do tema dessa pesquisa, mas com foco diferenciado ao abordar em seu artigo *Da Mi-carême ao Carnabeach* fazendo um levantamento da trajetória das micarêmes no Brasil e a sua transformação em micaretas.

O trabalho do professor Osvaldo Trigueiro (2005) que relata o surgimento do carnaval no Brasil desde o entrudo, enquanto o museólogo Márcio Marques (2006) no artigo “A revitalização do carnaval de rua do Rio de Janeiro” trata da revitalização dos blocos de rua, refazendo toda a trajetória do carnaval no Rio de Janeiro para explicar a volta dos blocos de rua e o retorno da população às ruas da cidade para a festa momesca.

Não obstante, a festa como objeto de compreensão permeia um campo interdisciplinar de estudos pronto para ser cultivado. Assim, outras obras poderão ser acrescentadas e revisitadas durante o processo de elaboração do trabalho sobre o comportamento da sociedade laranjeirense no compasso da Micarême.

A pesquisa insere-se na perspectiva da História Cultural ao configurar-se como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como: “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990:17).

Compreende-se que a História Cultural é ainda percebida “como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2008:15). Nesse âmbito, a cultura é uma “forma de expressão da realidade que se faz de forma simbólica” (Op. cit.:15).

O historiador Peter Burke (2008: 134) assevera que um novo cenário no âmbito da História Cultural proporciona um estudo da política, da violência e das emoções, sendo a última bastante pertinente no estudo da festa sob a ótica do comportamento e das representações. O autor declara que as “emoções em uma dada cultura (‘cultura de emoções’ local, como chamam Carol e Peter Stearns) são submetidas a mudanças fundamentais ao longo do tempo” (BURKE, 2008:143). Essas emoções serão observadas nos pormenores ao longo dos primeiros 30 anos de surgimento e subsistência da Micarême em Laranjeiras.

Destarte, percebe-se que, na esfera das representações sociais, as festas podem e devem ser entendidas como “geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real” (PESAVENTO, 2008: 39) através dos ranchos carnavalescos e dos símbolos que os ilustram. Sobre o tema, pronuncia-se Sandra Jatahy Pesavento:

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo. (PESAVENTO, 2008: 41)

Soma-se a justificativa a idéia de que “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, o seu domínio” (CHARTIER, 1990:17). Além disso, os adereços e carros alegóricos pomposos da Micarême, as cores e disputas entre os ranchos nos jornais de Laranjeiras desvelam nuances da estratificação social encontradas na festa.

Alguns termos utilizados por Roger Chartier (1990), como: “representações do mundo social” (Ibidem.:17), “representações colectivas” (Ibidem.:18), “teatralização da vida social” (Ibidem.:21), “representação, prática, apropriação” (Ibidem.: 27), “sistemas de representações” (Ibidem., p.56) “análise dos discursos” (Ibidem.:77), “práticas partilhadas” (Ibidem.: 134), “ritos, gestos e crenças” (Ibidem.: 189), “rituais públicos” (Ibidem.:194) e “reconstituição das variações nas práticas” (Ibidem.: 233) serão constantemente empregados na pesquisa por se adequarem à problemática proposta.

No que tange à metodologia, pode-se compreender o ofício do historiador analogamente ao do detetive Sherlock Holmes, criado pelo escritor britânico Sir Arthur Conan Doyle, que, através de

incessante e minuciosa investigação no emaranhado de informações existentes, consegue reconstituir a cena de um crime. De maneira semelhante, o historiador, imerso em diferentes tipologias de fontes, busca delinear o passado de forma concisa com as informações selecionadas e filtradas pelo seu crivo.

Sobre “vestígios da investigação”, Bloch questiona: “o que entendemos efetivamente por documentos senão um “vestígio”, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar?” (BLOCH, 2001:73). Assim, nos jornais, atas, fotografias e entrevistas, serão buscados os tais “vestígios” anunciados pelo autor. Aliada a essa busca, haverá recorrência a artigos, livros, crônicas, resenhas e memorialistas no decorrer da produção do trabalho.

Circulantes em Laranjeiras, os jornais *Vida Laranjeirense*, *O Laranjeirense* e *O Horizonte* relatavam os acontecimentos cotidianos da sociedade laranjeirense. Esses impressos serão analisados de forma quantitativa, pelo viés da Análise de Conteúdo, também chamada de “Lexicometria” “aplicada a documentos históricos como jornais” (BURKE, 2002: 54) observando “com que frequência determinadas palavras-chave ocorrem”. A análise de Conteúdo proporcionará notar os termos, o espaço destinado e as formas de representar a festa. Aliada a isso, a pesquisa quantitativa trará o levantamento do número de festas ocorridas na década de 1930, do gênero, da faixa etária e da estratificação social de seus participantes. A Análise do Discurso, por sua vez, fomentará a compreensão dos sentidos existentes, produzidos, porém não traduzidos (ORLANDI, 2005).

As entrevistas realizadas com 20 pessoas, entre elas fundadores e participantes dos ranchos da Micarême que surgiram na década de 1930 como o Ninho dos Gaviões, o Laranjeirense e o Botafogo, serão importantes para analisar a memória coletiva.

Para tratar de memória coletiva utiliza-se também os conceitos de Halbwachs (2006) ao afirmar que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, e a origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo.

Portanto tomando esses conceitos trabalha-se a memória da Micarême de Laranjeiras como a história de vários grupos individualizados, mas ao mesmo tempo unificados em uma memória coletiva.

Concomitantemente, as fotografias existentes da festa “são valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado” (BURKE, 2004: 29), constituindo uma fonte rica “na reconstrução da cultura cotidiana” (Op. cit.: 99). Em momento posterior esses registros fotográficos serão utilizados no estudo da representação dos símbolos existentes na Micarême.

Não menos importante, serão realizadas buscas em livros, artigos, crônicas, memórias e fotografias relacionadas à Micarême no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na Biblioteca Pública Epifânio Dória, no Arquivo Público de Laranjeiras, no Arquivo Público do Estado de Sergipe, nas bibliotecas das universidades; entre outras fontes que possam vir a enriquecer a pesquisa.

A pesquisa será norteadada por diferentes fontes que buscam reconstruir a compreensão da Micarême pela sociedade laranjeirense durante a década de 1930, através de:

Jornais sergipanos existentes na hemeroteca digital do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), no Arquivo Público do Estado de Sergipe e no Arquivo Público de Laranjeiras, os jornais circulantes em Sergipe (Aracaju e Laranjeiras) serão analisados entre os anos de 1930 e 1939 em busca de informações sobre o contexto histórico da cidade e da Micarême; Fotografias com base no recorte temporal proposto há um quantitativo de 92 fotografias, entre fotografias preto e branco e coloridas, essas fotografias são de acervos particulares de moradores da cidade de Laranjeiras. Todas já se encontram digitalizadas e em posse da autora desse projeto.

Ainda haverá um minucioso trabalho de análise fotográfica da cidade de Laranjeiras a partir do “Álbum de Sergipe” de Clodomir Silva (1920).

Até o presente momento já foram realizadas buscas em revistas, artigos, crônicas, nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Outro periódico a ser pesquisado é a Revista de Aracaju. Serão realizadas ainda outras buscas à procura de livros, artigos e crônicas na seção sergipana da Biblioteca Central da UFS (Campus São Cristóvão), da Biblioteca Central de Laranjeiras (BICAL) e da Biblioteca Pública Epifânio Dórea.

As três Atas de fundação dos ranchos (1930), já digitalizadas e em posse da autora desse projeto, remontam o período de organização da Micarême em Laranjeiras, bem como traz a relação de seus participantes.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Martha. **O Império do Divino**. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/Fapesp, 1999.
- BARRETO, Luíz Antônio. **Carnaval e Micarême** (2006). Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44543&tit> (Acesso em: 10/12/2011).
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BRUHNS, Heloísa. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papirus, 2000.
- CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. 3ª ed. Aracaju: Banese, 2002.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: Difel, 1990.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FALCÃO, Christiane Rocha. A dança de São Gonçalo da Mussuca. In: **UNirevista** – Vol. 1, nº 3 (julho 2006). Pp.1-11. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Falcao.PDF (Acesso em: 20/09/2011).
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **A festa mais popular**. Coleção Artur Ramos. Disponível em: <http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/festas.aspx?cod=278%20> (Acesso em: 01/09/2011).
- GOLDIN, Benoit. Da *mi-carême* ao *carnabeach* - história da(s) micareta(s). **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 12(1): 47-68, maio de 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- LIMA, Cláudia. Maria de Assis Rocha. **Enquete Cronológica do Fervedouro**. In: www.claudialima.com.br (Acesso em 05/08/2011).
- MARQUES, Márcio. A revitalização do carnaval de rua do Rio de Janeiro. In: **Revista eletrônica Jovem Museologia**. Estudos sobre Museus, Museologias e Patrimônio. Ano 01, nº 01, janeiro de 2006 Disponível em: <http://www.unirio.br/jovemmuseologia/documentos/1/artigomarcao.pdf> (Acesso em: 15/11/2012).
- MONTEIRO, Marianna Francisca Martins. **Lambe-Sujo: dança dramática, performance e liminaridade**. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/territorios/Marianna%20Francisca%20Martins%20Monteiro%20-%20Lambe-Sujo%20danca%20dramatica%20performance%20e%20liminaridade.pdf> (Acesso em: 17/10/2012).
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, pp. 121-151, 2003.
- OLIVEIRA, Hildênia Santos de. **No Compasso da Micarême: 75 anos de Alegria em Laranjeiras (Memória e Musealização)**. Monografia de Graduação em Museologia. Laranjeiras: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2011.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992. pp.200-212.
- SABE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- SANTOS JÚNIOR, Avelar Araújo. Lambe-Sujo e Caboclinhos: Uma leitura além dos sentidos. In: **Revista Ponta de Lança**, São Cristóvão v.2, n. 3, out. 2008 - abr. 2009. pp.59-72.
- SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe**. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.
- URBANO, Maria Aparecida. **Carnaval & Samba em Evolução na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Piedade, 2006.
- TAVARES, Clodomir. In: <http://claudomirtavares.blogspot.com/2010/05/cultura-popular-no-brasil-colonial.html> (Acesso em 05/08/2011).
- TRIGUEIRO, Osvaldo Moreira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. In: **Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares**, 1., 2005, Brasília. pp.1-10.

- VASCONCELOS, Marilene da Graça. **Carnavais fora de Época em Itabaiana:** de Micareme a Micarana (1950-2002). Monografia de Graduação em História. Itabaiana: Pólo Regional de Itabaiana, Programa de Qualificação Docente II, DHI, CECH,UFS. 2002, 163 f. CX. 03, N° 21.
- VOGT, Débora Inês. Folia em Santa Cruz do Sul: Apontamentos sobre como se brinca o carnaval em Santa Cruz do Sul/RS (1891 – 1941) In: **Revista Eletrônica dos Discentes de História da UNISC**. Epartacus, nº1, volume 1º, 2009. pp.1-13.